

# “INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA EM PORTO TORRÃO, FERREIRA DO ALENTEJO (2008-2010): RESULTADOS PRELIMINARES E PROGRAMA DE ESTUDOS”.

RAQUEL SANTOS<sup>32</sup>, PAULO REBELO<sup>33</sup>, NUNO NETO<sup>34</sup>, ANA VIEIRA<sup>35</sup>,  
JOÃO REBUJE<sup>36</sup>, FILIPA RODRIGUES<sup>37</sup>, ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO<sup>38</sup>

## 0. Introdução

O sítio arqueológico de Porto Torrão foi descoberto em 1981, ano em que se realizaram as primeiras recolhas de superfície, parte das quais levada a cabo de forma sistemática sob a direcção de J.M. Arnaud. Estes trabalhos permitiram concluir pela impressionante extensão do sítio e pela abundância e variedade de vestígios arqueológicos, entre os quais se salientavam a cerâmica campaniforme e alguns objectos votivos de calcário. Alguns destes artefactos, encontrados junto à Ribeira de Vale d’Ouro, que atravessa o sítio, poderão indiciar a presença de sepulcros nesse local (Arnaud, 1984-88). A extensão do sítio – de início calculada em 50 ha e ulteriormente corrigida para 75-100 ha – e a estimativa de que comportaria 1500-1000 habitantes foram factores que permitiram colocar o Porto Torrão entre os maiores povoados calcolíticos do Sudoeste peninsular e, logo, concluir pela presença no Porto Torrão de uma sociedade hierarquizada em época calcolítica (Arnaud, 1982). As escavações de 1982 e 1985, compreendendo uma área total de 34 m<sup>2</sup> aberta junto a uma elevação no centro do sítio, permitiram, por seu lado, observar a sequência estratigráfica local, detectar estruturas antrópicas (todas em positivo), numerosos artefactos (em cerâmica, osso, metal e pedra) e restos faunísticos, tendo-se nesta fase obtido também cinco datações de radiocarbono para a sequência identificada (Arnaud, 1993). Um projecto, então praticamente pioneiro na Arqueologia pré-histórica portuguesa, consistiu na caracterização petrográfica e química de uma amostra de cerâmicas, cuja principal conclusão foi revelar que as peças campaniformes teriam sido fabricadas localmente (Cabral *et al.*, 1988), o que consistiu então numa contribuição importantíssima para o debate em torno da origem das mesmas.

Em 2002, o Porto Torrão voltou a ser intervencionado, desta vez pela empresa ERA-Arqueologia, S.A., no acompanhamento arqueológico da construção da linha de alta tensão Alqueva-Ferreira do Alentejo-Sines, projecto promovido pela Rede Eléctrica Nacional. Para minimizar a afectação do sítio, o projecto foi alterado de modo a reduzir o número de postes a implantar no local: apenas dois junto ao limite do sítio e um no seu interior. Os pontos de implantação dessas infra-estruturas foram escavados integralmente, tendo já sido publicados os resultados preliminares dessas intervenções (Valera e Filipe, 2004). De acordo com estes autores, apenas na área do designado Poste 181 – o que se localiza no interior do sítio, a Norte da Ribeira de Vale d’Ouro – existiam contextos arqueológicos, tendo-se aí reconhecido, pela primeira vez, a presença de estruturas negativas (dois fossos e diversas fossas com complexos preenchimentos) e indicadores seguros, na estratigrafia e componentes artefactuais do então designado Fosso 1, de que a fundação do Porto Torrão remontará ao Neolítico final.

Uma terceira e mais extensa intervenção arqueológica no Porto Torrão teve lugar entre 2008 e 2010, consistindo desta vez em trabalhos de minimização decorrentes do atravessamento do seu extremo Sul por infra-estruturas do Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom, obra levada a cabo pela EDIA, S.A. O presente texto, de carácter necessariamente preliminar, sintetiza os resultados destes trabalhos de campo no que respeita ao registo estratigráfico obtido e às estruturas antrópicas identificadas. Apresentam-se também as linhas gerais orientadoras da fase de estudo e publicação, a qual se encontra prevista como medida compensatória do impacte desta obra sobre o sítio arqueológico.

<sup>32</sup> Neoépica, Arqueologia e Património, Lda. (neoepica@gmail.com).

<sup>33</sup> Neoépica, Arqueologia e Património, Lda. (neoepica@gmail.com).

<sup>34</sup> Neoépica, Arqueologia e Património, Lda. (neoepica@gmail.com).

<sup>35</sup> Neoépica, Arqueologia e Património, Lda. (neoepica@gmail.com).

<sup>36</sup> Archeo’Estudos, Investigação Arqueológica, Lda. (info@archaeoestudos.com).

<sup>37</sup> Crivarque, Lda. (frodrigues@crivarque.net).

<sup>38</sup> Universidade do Algarve / Instituto de Arqueologia e Paleociências (afcarva@ualg.pt)



Figura 1 – Planta geral da área de intervenção no Porto Torrão em 2008-2010, com indicação do traçado das infra-estruturas e dos sectores em que foi dividido (sectores 1 e 2: Neoépica; sector 3-Oeste: Archaeo'Estudos; sectores 3-Este, 4 e 6: Crivarque).

## I. Os trabalhos de campo

Os trabalhos de escavação de 2008-2010 passaram por duas etapas principais. Num primeiro momento, tiveram como objectivo a caracterização das realidades arqueológicas localizadas no traçado das infra-estruturas de rega, que totaliza cerca de 3000 m<sup>2</sup>! Esta caracterização inicial, levada a cabo pela empresa Neoépica, implicou a divisão daquele traçado em seis sectores (Fig. 1), opção metodológica que se manteve inalterada durante todas as intervenções subsequentes (ver adiante).

Estes primeiros trabalhos iniciaram-se com a abertura de dez valas de diagnóstico, realizadas com meios mecânicos, que permitiram desde logo obter uma avaliação geral da estratigrafia e dos locais de maior concentração de vestígios. Seguidamente, com os mesmos meios, procedeu-se à decapagem do horizonte lavrado na totalidade do traçado, deixando a descoberto os níveis arqueológicos. Nesses níveis foram registados todos os vestígios observáveis, quer fossem estruturas (negativas ou positivas) ou concentrações de materiais. Com base nas observações assim obtidas, foram escavadas nos sectores 1 e 3-Oeste (os que denotavam maior concentração de vestígios) 11 sondagens manuais, que corresponderam a uma área total de 300 m<sup>2</sup>. Estas sondagens permitiram perceber o excelente grau de preservação destes contextos: com efeito, surgiram inúmeras estruturas em negativo (por vezes com enchimentos repletos de material arqueológico), algumas estruturas positivas, dois enterramentos humanos e uma possível cabana de planta rectangular.

Em face da complexidade e importância dos resultados obtidos, teve lugar uma segunda fase de escavação, iniciada em Julho de 2009, que contou com a participação de três equipas distintas, uma vez que se impunha a escavação manual da totalidade da área a afectar pela infra-estrutura. Assim, à Neoépica coube a escavação dos sectores 1 e 2, à Archaeo'Estudos o sector 3-Oeste, e à Crivarque os sectores 3-Este, 4 e 6 (Fig. 1). Os sectores 1 a 3-Este, contíguos, foram subdivididos em áreas, para facilidade de registo e localização dos respectivos contextos arqueológicos. No presente texto não se apresentam ainda os resultados obtidos nos sectores 4 (onde se identificaram estruturas negativas de tipo fossa, ao que tudo indica, no exterior do sítio) e 6 (onde se escavaram dois fossos, cuja conexão com os restantes é verosímil mas que não se encontra ainda comprovada).



Figura 2 – Sector 1: aspecto geral do fosso externo.

## 1.1. Sector 1

No extremo Oeste deste sector escavaram-se troços de dois fossos distintos. O primeiro fosso, de perfil em V (com cerca de 7 m de largura por 6 m de profundidade), corresponderá ao limite exterior do sítio. Aqui identificou-se uma sucessão de enchimentos de grande espessura, homogéneos em termos sedimentares, e com pouco material arqueológico (Fig. 2).

Para Este, surge o troço correspondente a um fosso interno, com uma complexa sucessão de enchimentos, muito diferentes entre si, alguns dos quais destacando-se pela profusão de material arqueológico que revelaram. Este fosso, também com 6 m de profundidade, apresenta no entanto um perfil bastante diferente do anterior: o fundo é aplanado e integra uma vala central (com 50 cm de largura) e apresenta uma pequena plataforma do lado exterior.

Junto aos fossos não há registos expressivos de ocupação, mas apenas depressões naturais do substrato preenchidas por depósitos com escasso material; porém, à medida que se avança para o interior do sítio, assiste-se a uma densidade crescente de estruturas negativas (fossas, buracos de poste) e positivas (estruturas de combustão, empedrados) e depósitos com grandes concentrações de material, que atestam uma efectiva ocupação do local. De entre as estruturas interencionadas destacam-se as seguintes:

Um forno constituído por uma estrutura negativa de forma circular, com 2 m de diâmetro máximo, que teria possivelmente uma cobertura de ramagens revestidas com argila.

Duas fossas contíguas com diversos fragmentos de cadinhos, escória e cerâmicas com vestígios de metal agregados, tratando-se dos mais expressivos vestígios de metalurgia deste sector. Juntamente com estes achados, o enchimento das fossas revelou também abundante material cerâmico e osteológico.

Uma estrutura negativa com um enterramento (o único detectado nos sectores 1 e 2), aparentemente de uma mulher jovem, ao qual estava associado uma placa de xisto gravada em ambas as faces, dois machados de pedra polida e diversos recipientes cerâmicos inteiros, de tipologias e dimensões variadas (Fig. 3).

Na junção do Sector 1 com o 2, identificou-se um nível de ocupação, com cerca de 30 m<sup>2</sup>, formado por materiais cerâmicos (por vezes quebrados *in situ*), líticos (incluindo uma área de talhe do quartzo) e restos faunísticos; estes materiais estavam associados a pequenas estruturas de combustão, estruturas negativas e dois empedrados (pisos?) com cerca de 10 m<sup>2</sup> cada. Nesta área existem também dois alinhamentos circulares de lajes calcárias que poderão eventualmente ter servido de suporte a uma estrutura de tipo cabana com mais de dez metros de diâmetro.

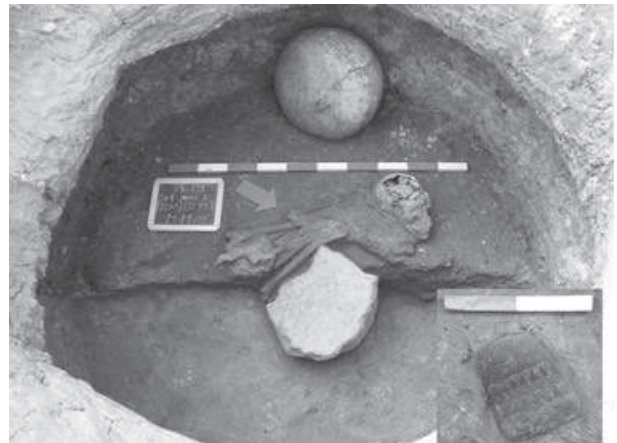


Figura 3 – Sector 1: enterramento em fossa e espólio associado.

## 1.2. Sector 2

No extremo Norte deste sector encontram-se os troços correspondentes aos dois fossos identificados no Sector 1, acima descritos.

Dentro do fosso interno foram escavados mais de cem enchimentos distintos, de características muito diversas entre si, quer do ponto de vista das suas configurações, quer no que respeita aos materiais arqueológicos que continham. O fosso, com uma profundidade e largura de 6 m e 8 m, respectivamente, apresenta um perfil em V e terminava também, no fundo, com uma estreita vala central de 2 m de profundidade (Fig. 4).

Entre aquele fosso e o fosso externo detectou-se um túnel ou corredor, escavado no substrato geológico, que



Figura 4 – Sector 2: corte estratigráfico do fosso interno.



Figura 5 – Sector 2: estrutura em lajes de xisto, suportada por blocos calcários. Encontra-se sobre os enchimentos da parte mais profunda do fosso externo.

estabelece uma ligação entre ambos. No fosso externo, este túnel termina numa estrutura de grandes lajes de xisto dispostas na horizontal (Fig. 5), sob a qual se recolheu um vaso campaniforme (que constitui o único elemento passível de atribuição cronológica). Aqui surgiu ainda, sob uma das lajes, uma espécie de caixa em lajes de xisto que continha um crânio de canídeo. O conjunto poderá ser interpretado como um ritual de fundação.

Já plenamente dentro do fosso externo, surge, abaixo da referida estrutura em lajes de xisto, uma outra estrutura, de forma semi-circular, formada por blocos de calcário. Embora todo este conjunto se assemelhasse a um monumento funerário de falsa cúpula, não foi detectado qualquer espólio osteológico, ou outro, que comprovasse esta hipótese. Para mais, sob esta estrutura existia uma outra, novamente em lajes de xisto, dispostas na vertical e em leque, associada a um pequeno murete em calcário, posicionada frente ao túnel. As lajes de xisto eram suportadas por uma estrutura de bloco calcários, bastante mais compacta que as anteriores, formando um semi-círculo. Estas estruturas localizam-se exactamente na parte mais profunda do fosso, que também atinge os 6 m de profundidade, por 14 m de largura (7 dos quais correspondendo a uma plataforma). Ao invés de uma vala central, este troço de fosso tem apenas um pequeno relevo ao centro.

A interpretação deste conjunto de estruturas é bastante difícil na presente fase de estudo do sítio. Sendo a estratigrafia de difícil interpretação, talvez o estudo dos materiais possa providenciar dados mais relevantes. Por hipótese, talvez estejamos perante um monumento funerário ou uma entrada subterrânea de acesso ao interior do sítio.

### 1.3. Sector 3-Oeste

Este sector não incidiu sobre qualquer troço de fosso; ao invés, e como se pode eloquentemente observar na Fig. 6, revelou um conjunto muito numeroso de estruturas habitacionais negativas e positivas, a que se juntam dois fornos e estruturas negativas utilizadas como locais de enterramento primário (para além de um enterramento que deverá estar correlacionado com a ocupação alto-medieval detectada no Sector 3-Este; ver adiante).

As estruturas negativas são, na sua grande maioria, fossas cuja derradeira utilização foi de lixeira. Estas estruturas são bastante distintas entre si, tanto no que respeita à sua morfologia, como às suas dimensões. Não foram detectados níveis arqueológicos no interior destas estruturas que possam ser conectados com qualquer actividade intencional e planeada ocorrida durante o seu período de utilização. Fica, portanto, por estabelecer se a fase de utilização destas estruturas corresponderia a outro tipo de funções.

A duas estruturas negativas foi possível, no entanto, atribuir a categoria de forno. Numa não foi possível detectar a sua última utilização – pelo que se desconhece qual a matéria-prima ou produto aí processado – e não foi possível



Figura 6 – Sector 3-Oeste: vista aérea geral, podendo observar-se diversas fossas, uma estrutura habitacional de planta rectangular (Cabana 1), junto ao topo da foto, e uma hipotética estrutura habitacional negativa de planta circular com poste descentrado (Estrutura Negativa 1), na parte inferior da foto.

dando a reconstituição da sua planta e dimensão. No entanto, pôde observar-se que uma das estruturas que a corta será de um momento recuado da ocupação do Porto Torrão, pois os materiais aí recolhidos apontam para que tenha sido colmatada ainda no Neolítico final (destaque-se, nomeadamente, a presença de “ídolos de cornos”, alguns dos quais decorados com as chamadas “tatuagens faciais”, e de recipientes carenados). Refira-se, a propósito, que a correlação estratigráfica entre as diversas estruturas negativas e o seu conteúdo artefactual admite a possibilidade de todas as cabanas descritas datarem daquele período.

Neste sector, deve ser ainda mencionada a designada Estrutura Negativa 1. Esta salienta-se, desde logo, pela sua grande dimensão (diâmetro de 6 m e mais de 2 m de profundidade) e pela presença no seu interior de uma coluna ou pilar, ligeiramente descentrada, constituída pelo próprio substrato geológico intocado (serviria para sustentação da cobertura?). A dimensão e morfologia desta estrutura estão bem patentes na imagem aérea da Fig. 6. O seu preenchimento incluía materiais que pressupõem um contexto doméstico, tais como recipientes com vestígios de fuligem ou fragmentados *in situ*. A possibilidade que levantamos é a de se tratar de uma estrutura habitacional subterrânea, cujo acesso ao interior se faria pela cobertura (o que explica não se terem encontrado quaisquer vestígios do acesso original), e que contrasta, portanto, com as outras áreas habitacionais documentadas no Porto Torrão.

No que respeita aos contextos funerários de época pré-histórica em posição primária – isto é, não incluindo achados isolados (um *calvarium* e um crânio com mandíbula) –, refira-se o denominador comum de serem todos em estruturas negativas. Assim:

- Um dos enterramentos (na Estrutura Negativa 15), que deve ser de cronologia mais recente (considerando a

reconstituir a respectiva superestrutura, mas apenas identificar restos dos seus elementos. Morfologicamente, este forno poderá ser descrito como tendo uma planta em “oito”, uma vez que é constituído pela justaposição de duas estruturas negativas circulares, em que uma seria a câmara de combustão (na qual foram recuperados fragmentos de pesos de tear), e a segunda serviria de antecâmara da primeira. O segundo forno difere do anterior em dois aspectos: encontrava-se no interior de uma possível estrutura habitacional – a designada Cabana 2 – e era constituído por uma única estrutura negativa.

São três os espaços que se presume terem sido locais de habitação, os quais podem ser descritos da seguinte forma:

- Estrutura habitacional de planta rectangular (Fig. 7), identificada como cabana pela Neoépica aquando da primeira fase dos trabalhos de campo (ver acima). Trata-se de um nível de ocupação definido por uma lareira associada a fragmentos cerâmicos de grandes dimensões. Sensivelmente no mesmo nível registou-se uma estrutura pétreo – que divide claramente o seu espaço interior – e, no interface da estrutura com o substrato geológico, quatro buracos de poste e uma fossa de cujo enchimento se recolheu numeroso e diversificado espólio.

- A Cabana 1 é semelhante à anterior nos seus aspectos essenciais (Fig. 6). Porém, é difícil fazer correlacionar de modo objectivo os depósitos arqueológicos aqui existentes com o momento da sua utilização (e, logo, observar a sua organização espacial interna ou determinar a sua cronologia), dada a pouca profundidade a que se encontram estas realidades.

- A Cabana 2 conserva-se apenas vestigialmente, pois está bastante afectada por inúmeras estruturas negativas que a cortam, impe-



Figura 7 – Sector 3-Oeste: estrutura habitacional de planta rectangular.



Figura 8 - Sector 3-Oeste:  
enterramento na Estrutura Negativa 15.



Figura 9 - Sector 3-Oeste: enterramento duplo na Estrutura  
Negativa 29.

relação da fossa onde se encontrava com as restantes unidades estratigráficas), corresponde a um indivíduo não adulto, orientado com a cabeça para Oeste e os pés para Este (Fig. 8), sobre o qual existiam sucessivas unidades estratigráficas que continham um número significativo de restos faunísticos (nalguns casos ainda em conexão anatómica), vestígios de uma fogueira (designadamente carvões e sedimentos oxidados pela acção do fogo) e fragmentos de grandes recipientes quebrados *in situ*. É de referir a recolha, em diversas unidades estratigráficas desta fossa, de fragmentos de um mesmo recipiente campaniforme com decoração em pontilhado geométrico com bandas de triângulos preenchidos. Perante as realidades observadas, pensamos poder estar perante um “ritual de comensalidade” associado ao enterramento deste indivíduo.

- Noutro contexto (Estrutura Negativa 29), identificou-se um enterramento duplo, de dois indivíduos do sexo feminino, com idades estimadas em 66/67 anos. Um dos esqueletos sobrepunha-se ligeiramente ao outro, ao qual estava associado um mini-vaso carenado, junto à caixa torácica. Ambas foram depositadas em decúbito (respectivamente, dorsal e lateral parcial), e repetiam a orientação do enterramento acima descrito (Fig. 9). A realidade arqueológica dos depósitos sobrejacentes parece também semelhante à detectada no enterramento anterior, com excepção dos restos faunísticos, que aqui não existiam.

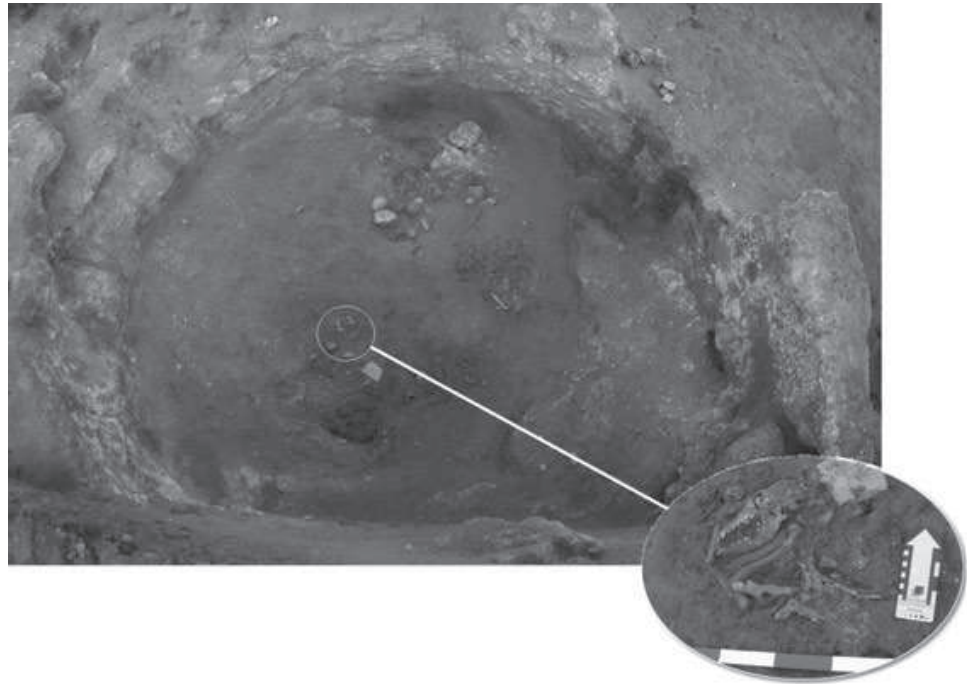
- O terceiro contexto, que apresentava uma orientação distinta dos anteriores (cabeça virada para Sul e os pés para Norte), estava numa cota muito superficial. No entanto, no topo deste depósito existia uma grande quantidade de fragmentos de pratos, o que sugere novamente um “ritual de comensalidade” que terá recorrido no entanto a alimentos distintos dos utilizados nos restantes enterramentos.

#### I.4. Sector 3-Este

Neste sector foram identificadas várias estruturas negativas de tipo fossa e dois troços de fosso. De entre as primeiras merece destaque uma de grandes dimensões (5,5 m de diâmetro por 4,5 m de profundidade), designada por Estrutura Negativa LI, e que se encontrava colmatada pelo derrube da sua superestrutura (se fosse abobadada) ou pelo desmantelamento das paredes. Sob este derrube existia uma unidade estratigráfica com fragmentos de mós em rochas graníticas junto ao seu topo e, a 4 m de profundidade, três enterramentos de canídeos associados grandes contentores cerâmicos fragmentados *in situ* (Fig. 10). Sobre o nível de derrube encontrou-se um vaso campaniforme com decoração linear, associado a uma estrutura de combustão oval de tipo empedrado (com 2x1 m de dimensão), o que remete o contexto antes mencionado para uma fase pré-campaniforme.

O troço do fosso interno, por seu lado, revelou uma complexa sequência de preenchimento, com vários momentos de efectiva ocupação, pelo que merece ser descrito com algum pormenor. Em termos estruturais, apresenta perfil em U, com 8,5 m de largura no topo, desenvolvendo-se em taludes oblíquos, com cerca de 45°, até uma profundidade de 8,5 m. Porém, a 4,5 m, quando o fosso conhece um estreitamento das paredes, desenvolve-se uma vala com paredes rectas e fundo plano, com 0,5 m de largura e profundidade. Na face externa do fosso, a cerca de 1,5 m de profundidade, verifica-se ainda uma interrupção do limite do talude, que corresponde a um túnel de orientação SW-NE, que evoca

Figura 10 – Sector 3-Este:  
enterramento de cães  
na Estrutura Negativa LI.



o identificado no Sector 2. O perfil deste túnel é convexo, com fundo aplanado, e uma largura de 1,5 m por 1 m de profundidade; aquando da sua escavação encontrava-se já abatido.

O interior do fosso a que se tem vindo a fazer referência contém diferentes estruturas, níveis de ocupação individualizáveis, deposições de origem antrópica e natural, que se sucedem e intercalam, demonstrando que o processo de formação destes preenchimentos pode assumir dinâmicas e, provavelmente, significados distintos dentro da mesma etapa cronológico-cultural. A estratigrafia observada permite interpretar o processo de enchimento do fosso em sete fases principais, que se descrevem sucintamente do seguinte modo, da mais antiga para a mais recente:

1. Preenchimento da vala. Trata-se de um preenchimento natural, resultante da erosão dos taludes do fosso, uma vez que os sedimentos apresentam as mesmas características.

2. Utilização funerária. Uma unidade estratigráfica, com cerca de 0,5 m de espessura, que se acumulou após iniciado o processo de enchimento da vala, revelou cerca de uma centena de restos humanos – alguns ainda em conexão anatómica parcial – em parte misturados com restos faunísticos, cerâmica e blocos de calço. Estes restos humanos não estão associados a qualquer estrutura nem, ao que tudo indica, a qualquer ritual funerário visível arqueologicamente. Há um número mínimo de seis indivíduos: três não adultos, dois adultos, e um de idade indeterminada. O seu estudo ulterior, que procederá à sua diagnose sexual, poderá revelar indícios que expliquem o significado deste contexto particular.

3. “Piso”. O encerramento da utilização funerária da fase anterior foi efectuado através da aplicação de uma camada de calço, com sinais de rubefacção, a 3,5 m de profundidade (Fig. 11). O facto de este suposto “piso” não ocupar a totalidade da largura do fosso (que é, a esta cota, de 2 m) levanta a possibilidade da existência de ter estado associado a uma estrutura positiva construída em material perecível, correspondendo então a unidade de calço rubefacto, quer ao seu preenchimento, quer a um eventual “piso” que permitisse a passagem ao longo da estrutura.

4. Nível de ocupação 1. Corresponde a uma lareira em cuvette localizada junto ao talude do lado externo do fosso, à qual estavam associados numerosos restos faunísticos. Esta lareira encontrava-se alinhada com o túnel acima descrito, parecendo estar relacionada com um pequeno murete em pedra aí existente e que fecharia a abertura do túnel, impedindo a relação física entre este e o fosso.

5. Despejo de área produtiva (?). Trata-se de um nível de ocupação, a 0,8 m de profundidade, definido por uma grande concentração de restos faunísticos, cuja principal característica é a repetição das mesmas partes anatómicas dos animais: escápulas, mandíbulas, vértebras, rádios, costelas e



Figura 11 – Sector 3-Este: calço rubefacto (que colmata depósito funerário), formando um piso (“fase 3” do fosso interno).

pélvis. Não tendo sido ainda classificados taxonomicamente, parece poder concluir-se desde já pela presença de carnívoros. A deposição horizontal, o bom estado de conservação e a dispersão espacial destes elementos apontam para um processo de sedimentação rápida.

6. Nível de ocupação 2. Junto à interface interna do fosso identificaram-se um empedrado de contorno irregular (formado por rochas fracturadas por acção do fogo) e uma estrutura de combustão moldada no



Figura 12 - Sector 3-Este: estruturas de combustão da "fase 6" do fosso interno: empedrado formado por elementos pétreos com sinais de exposição ao fogo (à esquerda) e lareira circular moldada a partir do próprio sedimento (à direita).

próprio sedimento, no interior da qual foi colocada uma placa rectangular em argila, sugerindo ser a base sobre a qual tinha lugar a referida combustão (Fig. 12). Em torno destas duas estruturas recolheu-se um grande número de fragmentos de cerâmica, identificou-se uma área de talhe do quartzo, e vários restos de fauna malacológica e, sobretudo, mamalógica. Todas estas realidades assentam num pacote sedimentar de 0,3 m de espessura, praticamente estéril e com o topo muito regular, o que parece indicar ter sido acumulado e regularizado propositadamente para a realização das actividades documentadas. No que respeita a estas, denota-se uma organização espacial evidente e bem conservada, o que sugere um processo de sedimentação subsequente muito rápido.

7. Estrutura de argila cozida. Após a colmatação do fosso, mas num momento em que as suas interfaces ainda estão expostas, foi construída uma estrutura de argila cozida, com 5 m de largura e uma profundidade entre os 0,5 e 0,1 m. Nas partes de menor profundidade apresentava um embasamento constituído por blocos de garbo. No seu interior identificaram-se blocos moldados de argila cozida (com 20 cm de comprimento por 6 cm de espessura) e um ídolo cilíndrico em calcário com a representação dos olhos raiados, sobrancelhas e tatuagens faciais usualmente associadas à Deusa-Mãe mediterrânea. O horizonte lavrado, que truncou parcialmente esta estrutura, continha aqui fragmentos de cerâmica campaniforme.

Para além da sua utilização pré-histórica, deve-se igualmente salientar a identificação de uma ocupação alto-medieval neste sector, testemunhada também por estruturas negativas, tendo sido verificado, em alguns casos, o reaproveitamento das estruturas mais antigas. A cultura material destes contextos aponta uma cronologia dos séculos VII-VIII. Muito embora não seja esta a temática que se pretende desenvolver no presente texto, a menção desta ocupação é obrigatória, uma vez que se trata de uma época histórica ainda mal conhecida arqueologicamente no nosso território.

## 2. A fase de estudos e publicação

A apresentação preliminar dos resultados e observações produzidas durante os trabalhos de campo constituem, como referido no início, o objectivo principal do presente texto. Com efeito, não só o estudo do volumosíssimo acervo recuperado nas escavações não está ainda realizado, como seria incomportável apresentá-lo no âmbito de um artigo desta natureza. É portanto também impossível, pelas mesmas razões, avançar desde já com quaisquer conclusões definitivas acerca da interpretação deste complexo registo arqueológico. Mais: o pleno entendimento desta vasta realidade arqueológica, que se reúne sob o topónimo de Porto Torrão, não pode deixar de passar pela sua correlação, a diversos níveis interpretativos, com os diversos contextos sepulcrais que têm vindo a ser intervencionados na sua periferia mais ou menos imediata, e que fariam parte, no seu conjunto, de uma estratégia mais ampla e significativa de ocupação deste território. Vejam-se, no sentido deste imperativo, as considerações recentemente publicadas por Valera (2010).

Porém, a intervenção arqueológica empreendida pela EDIA, S.A. no Porto Torrão tem prevista também uma segunda fase, consignada ao estudo dos resultados obtidos na primeira (a escavação), e à sua publicação sob a forma de monografia de sítio. No momento em que se escrevem estas linhas, está a ser concluída a estratégia e os objectivos específicos dessa segunda fase, tarefa que, como é óbvio, só poderia ser levada a cabo em detalhe e de forma sustentada após a realização dos trabalhos de campo e de inventariação do correspondente acervo arqueológico.

Deste modo, esta fase de estudos compreenderá:

1. o estudo das componentes artefactuais recolhidas (cerâmica, pedra lascada e polida, metais, etc.), o qual será feito sistematicamente através de selecção criteriosa dos contextos mais representativos de cada um dos sectores, e será levado a cabo por membros das equipas que os intervencionaram;



2. a realização de análises específicas, de outras classes de vestígios, que não serão feitas pelas próprias equipas por razões que se prendem com a formação científica necessária para condução das mesmas e/ou com condições laboratoriais adequadas para o efeito: trata-se, por exemplo, dos estudos de antropologia física, antracologia, zooarqueologia, composição de metais, datações de radiocarbono, entre outros (estas análises serão, assim, obtidas através da aquisição de serviços a especialistas ou instituições para o efeito).

A monografia de sítio terá, portanto, uma forte componente descritiva do registo arqueológico recuperado nos trabalhos de campo, mas procurará também o estudo das diversas categorias de materiais exumados, nomeadamente no que respeita a:

- reconstituição do coberto vegetal através do registo antracológico e, a partir destes elementos, das condições bioclimáticas vigentes neste território durante o Neolítico final e Calcolítico;
- caracterização da população inumada nos diversos contextos acima descritos, assim como do significado destes contextos e rituais face à evidência proporcionada pelos sepulcros colectivos existentes no espaço envolvente do Porto Torrão;
- análise da exploração dos recursos animais e vegetais ao longo da diacronia do sítio e na sua organização interna, integrando as observações assim conseguidas no debate sobre a chamada “revolução dos produtos secundários”;
- caracterização da evidência paleometalúrgica registada no Porto Torrão e sua comparação com os dados hoje disponíveis regionalmente, através de análises arqueométricas de peças seleccionadas;
- estabelecimento de um quadro cronológico absoluto do sítio através da datação pelo radiocarbono de amostras (de vida curta) representativas dos vários momentos de ocupação estratigraficamente documentados;
- finalmente, a análise dos componentes artefactuais de cada fase de ocupação, através do estudo sistemático e integral de contextos seleccionados de acordo com a sua representatividade para o efeito.

A integração destes dados nas problemáticas mais gerais em que se insere o sítio arqueológico do Porto Torrão deverá estar subordinada ao objectivo principal da monografia – que é a apresentação e estudo dos dados de terreno – por várias razões, uma delas prendendo-se, desde logo, com as perspectivas teóricas e interpretativas por vezes divergentes em que este sítio é entendido pelos próprios signatários do presente texto. Não faltarão com certeza *fora* em que tais perspectivas, construídas a partir do registo observado no Porto Torrão, poderão ser apresentadas e discutidas com a (e pela) restante comunidade científica – a quem se dirige, afinal, a monografia.

## Agradecimentos

As empresas Crivarque Lda. e Neoépica Lda. desejam expressar os seus agradecimentos a todos os que trabalharam nos sectores por si intervencionados, nomeadamente, no caso da primeira empresa, ao Pedro Souto e aos Drs. Gonçalo Lopes e Marco Andrade, que co-orientaram os trabalhos de campo, e aos técnicos Daniel Silva e Paulo Godinho.

## Bibliografia

- ARNAUD, J.M. (1982) - O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do sudoeste peninsular. *Arqueologia*. 6, p. 48-64.
- ARNAUD, J.M. (1984-88) - Nota sobre os ídolos oculados de Vale d'Ouro (Ferreira do Alentejo). *Arqueologia e História*. Série X, I/II, p. 45-54.
- ARNAUD, J.M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. 2, p. 41-60.
- CABRAL, J.M.P.; PRUDÊNCIO, M.I.; GOUVEIA, M.A.; ARNAUD, J.M. (1988) - Chemical and mineralogical characterization of pre-beaker and beaker pottery from Ferreira do Alentejo (Beja, Portugal). *Proceedings of the 26th International Archaeometry Symposium*. Toronto: University of Toronto, p. 172-178.
- VALERA, A.C. (2010) - Gestão da morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5, p. 57-62.
- VALERA, A.C.; FILIPE, I. (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era-Arqueologia*. 6, p. 28-61.